



ESTUDOS URBANOS E CIBERESPAÇO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS GEOGRAFIAS DA ERA VIRTUAL

Famara de Souza Lemos¹

(Doutoranda, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, famaralemos@gmail.com)

Giovana Oliveira do Nascimento²

(Doutoranda, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, giovana.oliveira804@gmail.com)

RESUMO

Este artigo nasce da inquietação sobre as geografias que emergem com a digitalização do Espaço Geográfico. Investigamos a relação entre o ciberespaço e as dinâmicas espaciais citadinas, nos fluxos promovidos pelos usos das plataformas digitais no espaço urbano. Utilizamos a netnografia, metodologia adaptada ao mundo digital para guiar nossa análise sobre as interações entre o ambiente virtual e o espaço urbano em suas materialidades e imaterialidades, com as transformações decorrentes da conectividade instantânea e suas implicações ao meio técnico-científico-informacional. Para refletir sobre essas mudanças, nosso percurso é fundamentado em um diálogo com as ideias de Santos (2006; 2013), Massey (2008), Lévy (1999), Dowbor (2020).

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Ciberespaço. Meio técnico-científico-informacional.

GT1: Estudos Urbanos

1 INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a ciência geográfica debruça-se sobre o estudo dos espaços urbanos a partir de suas materialidades, por intermédio de seus fixos, dinâmicas, conflitos e contradições. A cidade expressa em suas tramas espaciais as relações da vida em sociedade (econômicas, sociais, políticas) nas últimas décadas, cada vez mais relações se dão pelos usos e apropriações tecnológicas e as imaterialidades delas decorrentes.

Descrever a cidade pós-moderna envolve reconhecer a presença das materialidades e das imaterialidades vinculadas a digitalização do espaço geográfico, como os usos dos dispositivos digitais que atuam como agentes de publicidade na paisagem urbana, a constante interação com os *smartphones* e os aplicativos de mobilidade urbana, o compartilhamento de informações oficiais por canais de comunicação online, divulgando, em tempo real, nas redes sociais virtuais. Tais elementos direcionam nosso olhar para o mundo imaterial dos dados no funcionamento, organização e reestruturação do espaço urbano. Os cidadãos também habitam os ambientes virtuais na contínua interação entre ciberespaço e espaço urbano vivenciadas no

cotidiano traçadas entre tecnosfera e psicosfera, tal vínculo nos conduz a identificar a potência que é entender o espaço como híbrido (Santos, 2006). Entrelaçando o material e o virtual, o local e o global, a presença física e a mediação tecnológica.

Em tempos de interconexões, observa-se a emergência de espacialidades que se constroem dentro de uma esfera virtual, reverberando nas dinâmicas urbanas, com as redes de informação e o conjunto de interações sociais decorrentes das virtualidades. Desse modo, entendemos a importância de direcionarmos nosso olhar para os usos e apropriações das tecnologias digitais na sociedade, nas relações de trabalho, na economia local, no turismo. Considerando a complexidade da inserção de tecnologias no cotidiano urbano, questionamos: de que maneira o ciberespaço está produzindo novas dinâmicas espaciais urbanas?

O objetivo deste artigo é discutir sobre as relações entre o ciberespaço e os estudos urbanos na geografia contemporânea, considerando a crescente digitalização do espaço geográfico e suas reverberações em aspectos da vida cotidiana, do trabalho e da mobilidade inseridos nas tramas da virtualidade e do ciberespaço.

2 NETNOGRAFIA: ABORDAGEM METODOLÓGICA NA GEOGRAFIA URBANA

As transformações tecnológicas vivenciadas nas últimas décadas do século XXI revelam-nos a necessidade de atualização de procedimentos metodológicos de pesquisa que abarquem a dimensão imaterial que o conteúdo informacional deposita no espaço.

A identificação do ciberespaço como ambiente de fluxos de informações o coloca como espaço privilegiado de contato com dados informacionais, produzidos e reproduzidos virtualmente, nas redes sociais virtuais, nas plataformas *online*, nos aplicativos de geolocalização que se configuram também como ambientes de interação, nos quais os sujeitos constroem e expressam territorialidades, mobilidades, discursos e representações espaciais.

Nesse contexto, a Netnografia é uma metodologia qualitativa desenvolvida primeiramente por Kozinets (2014) com a adaptação das técnicas da prática etnográfica ao estudo de comunidades virtuais no ciberespaço. Nos últimos anos, os geógrafos estão incorporando esse procedimento, a fim de compreender as novas formas de produção do espaço na era informacional (Bernardes, 2021; Góes, Melazzo, 2022; Ferreira, 2022).

Assim, ao observar as interações em comunidades virtuais, a netnografia permite à geografia registrar os processos simbólicos, afetivos e discursivos que atravessam as dinâmicas espaciais. Bem como acessar narrativas e práticas que antes passavam à margem das

investigações empíricas situadas *in loco*, sobretudo, aquelas voltadas às dimensões imateriais da experiência.

Entre as possibilidades de aplicação da Netnografia na Geografia, destacam-se os estudos sobre territorialidades digitais, entendidas como formas de apropriação e significação do espaço por meio das interações mediadas por tecnologia, como exemplos: as comunidades de nômades digitais¹, os coletivos de arte urbana, os ativistas ambientais. Esses grupos constroem territorialidades digitais com o compartilhamento das suas vivências, das práticas espaciais, de estilos de vida que se projetam em redes sociais virtuais, nas plataformas acontecem as interações virtuais, constituindo espacialidades híbridas e multiescalares, atuam na produção de sentidos e significados que ultrapassam as fronteiras físicas dos territórios que ocupam.

A netnografia, ao investigar práticas, discursos e performances nesses ambientes digitais, permite captar os modos como sujeitos e coletividades atualizam seus vínculos no ciberespaço. Os dados proveniente dos compartilhamentos possibilitam a análise do conteúdo digital em redes sociais virtuais como o Instagram, YouTube ou X², podem revelar disputas simbólicas, processos de estetização e turistificação de determinados espaços urbanos por meio da produção imagética digital.

Nesse sentido, a metodologia netnográfica contribui para revelar os processos de territorialização e desterritorialização que se operam nos espaços digitais. Isso é especialmente relevante em um cenário no qual no espaço urbano os fluxos migratórios e o trabalho passam a ser mediados e, por vezes, determinados pelo uso de plataformas digitais para a mobilidade urbana. Assim, a Netnografia se torna uma ferramenta potente para compreender os novos agenciamentos espaciais da contemporaneidade, fornecendo subsídios para leituras críticas sobre a produção e o uso do espaço na era das redes.

Tal qual a etnografia, a netnografia requer um processo sistemático de observação participante em ambientes digitais, com a imersão do pesquisador nas interações e conteúdos produzidos pelas comunidades virtuais. A coleta de dados envolve a análise de textos, imagens, vídeos, *hashtags*, comentários e outros elementos que constituem a expressão digital dos grupos investigados. Essa metodologia exige também uma postura reflexiva quanto à presença do

¹ Termo que se refere a profissionais que atuam na modalidade do teletrabalho, utilizam-se dos dispositivos móveis e a conectividade a Internet para realizar atividades laborais remotamente.

² Nova marca da rede social conhecida anteriormente como Twitter.

pesquisador nos ambientes virtuais, bem como à ética com a gestão de dados públicos e à proteção da privacidade dos sujeitos. Contribui para ampliar as investigações geográficas, incorporando o ciberespaço como objeto legítimo de análise, compreendendo os ambientes virtuais como territórios em disputa, onde se expressam formas diversas de apropriação, resistência, visibilidade e exclusão.

3 A CIDADE PARA ALÉM DA MATERIALIDADE

A cidade é um reflexo dinâmico da vida em sociedade, materializa a realização humana na organização do espaço e da paisagem. Ao imaginarmos a urbe contemporânea, observamos a circulação incessante de pessoas e veículos em fluxos constantes, as trocas comerciais e o ritmo acelerado daqueles que se dirigem ao trabalho, às compras ou a momentos de lazer. Contudo, uma nova dimensão se insere nessa cena: carros equipados com *GPS*, pessoas absortas em seus telefones buscando notícias, ao mesmo tempo em que recebem e enviam mensagens instantâneas.

A vida virtual, assim, se mescla, indissociavelmente, com o espaço geográfico. Esta é a cidade onde habitamos na contemporaneidade, seus muros e fronteiras transcenderam uma barreira invisível, que fez com que o virtual seja o aqui. Vallerius (2011) ao explicar que o mundo é um palco das transformações humanas aponta para fatores como o avanço da ciência e da tecnologia atuando na modificação de valores e costumes.

Ao analisarmos a interação entre o ciberespaço e o espaço urbano vemos o papel central das redes de informação na constituição do meio técnico-científico-informacional (Santos, 2006), do território e das territorialidades digitais, que redefinem o espaço e o tempo decorre da intensa evolução das especializações técnicas. Essa perspectiva realça as dinâmicas que se sobrepõem à cidade e a seus habitantes, como aponta Carlos (2015, p. 70), o espaço urbano é “condição, meio e produto da reprodução da sociedade”. Discutir sobre o espaço urbano envolve reconhecer o papel do ser humano como sujeito de ação, implicado em valores, sentidos, símbolos e significados que se modificam com a digitalização do espaço geográfico.

Para Doreen Massey (2008) o espaço é um construto dinâmico, constituído por múltiplas trajetórias e relações sociais que coexistem de forma heterogênea, mantendo-se sempre aberto a novas possibilidades. Essa visão relacional e processual do espaço converge com a formulação de Milton Santos (2006) que entende o espaço geográfico como conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações. Ambos

geógrafos defendem que o espaço é um processo, construção continuamente renovada pelas práticas humanas.

No contexto do ciberespaço, essas relações se desenrolam em rede, conectando sujeitos e lugares por meio de uma complexa teia de interações virtuais que, conforme discutido por Nascimento (2021) podem ser compreendidas como expressões do próprio Espaço Geográfico na contemporaneidade resultante da interação indissociável entre as dimensões físicas e virtual, materiais e imateriais. Comportando-se como uma nova configuração espacial, moldada pelo avanço das tecnologias de informação e comunicação, que promovem o surgimento de ambientes geográficos inseridos no ciberespaço.

Essa virtualidade, se organiza através de afinidades e interesses entre seus usuários e características de interface das plataformas virtuais, permitindo a construção de vínculos e identidades singulares que não existem unicamente no ambiente digital, se ramificam em materialidades no espaço geográfico. Portanto, essa dinâmica, que considera as particularidades e conexões entre as geografias “de dentro” e “de fora” da rede, fundamenta a necessidade de se pensar em uma Geografia Virtual (Nascimento, 2021).

As definições sobre o ciberespaço destacam a constituição do termo, segundo Martino (2015) o prefixo “*ciber*” representa um estudo das relações que ocorrem em um meio virtual, com seu valor agregado ao surgimento e disseminação da internet e dos ambientes digitais. Pierre Lévy, importante teórico que se dedicou a estudar as implicações da virtualização na sociedade ainda no século passado, define o ciberespaço como o espaço de interconexão mundial de computadores.

Segundo Lévy o ciberespaço é um espaço *aberto*, interacional, cuja principal marca reside na multiplicidade e virtualidade. Entre suas características, destacam-se a plasticidade, fluidez, artificialização e memória coletiva (Lévy, 1999). Nessa perspectiva, percebemos que o ciberespaço não estabelece uma realidade totalmente nova, em vez disso, ele representa uma maneira de conceber e estruturar o espaço urbano do presente, que pode ser compreendido de três formas: pela conectividade instantânea; pela cidade em sua relação com as plataformas digitais nas relações produtivas e trabalhistas; pelas mobilidades contemporâneas implicadas as discursos e imagens digitais.

Na conjuntura atual, a conectividade tornou-se um fator essencial para todos os indivíduos, independentemente da condição socioeconômica ou posição social. A economia digital, inserida na era do capitalismo de plataforma, apropriou-se das estruturas no ciberespaço

para promover a dominância virtual, especialmente por parte de corporações financeiras e *Big Techs*, os atores centrais da globalização. De modo que a globalização e a digitalização do espaço provocam transformações que flexibilizam, precarizam, promovem a “uberização” das relações de trabalho e o consequente aprofundamento das desigualdades sociais e estruturais no espaço urbano.

O economista brasileiro Ladislau Dowbor (2020) propõe uma reflexão crítica sobre os rumos da economia mundial ao discutir sobre o capitalismo de plataforma, modelo caracterizado pela centralidade das redes digitais e pelo controle de fluxos informacionais. Nesse novo paradigma, a acumulação de riqueza deixa de estar ancorada na produção material e se desloca para o domínio de plataformas digitais imateriais, onde o poder reside na capacidade de intermediar conexões, transações e fluxos de dados. A virtualização das atividades produtivas e a ascensão das tecnologias digitais provocam reconfigurações significativas no espaço e nas formas de organização do trabalho, gerando novas dinâmicas de exploração e de competitividade empresarial.

Segundo Dowbor (2020, p. 183), grandes corporações estruturam redes globais de controle, como *holdings* transnacionais que influenciam diretamente o Produto Interno Bruto (PIB) de diversos países, com repercussões nas relações de trabalho. Nesse cenário, os lucros tradicionais são crescentemente substituídos por dividendos oriundos da especulação financeira, ampliando os níveis de exploração dos trabalhadores e das atividades que se realizam nos espaços urbanos, onde fluxos virtuais e físicos, materiais e imateriais circulam intensamente.

Para ilustrar essa questão, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, revelam que, no ano de 2022, o Brasil registrava cerca de 1,5 milhão de pessoas trabalhando por meio de plataformas digitais. Desse contingente, 52,2% (778 mil) tinham como atividade principal o transporte de passageiros por aplicativo, enquanto 39,5% (589 mil) atuavam em serviços de entrega de mercadorias. A pesquisa destaca também a expansão do teletrabalho no mundo e o no Brasil, revela-nos uma nova tendência que afeta os centros urbanos com a chegada de fluxos migratórios de grupos que adotam o nomadismo digital³. No mundo pós-pandemia, diversas profissões se adaptaram ao mundo digital, os teletrabalhadores utilizando dispositivos móveis

³Refere-se a um estilo de vida no qual profissionais trabalham remotamente, utilizando tecnologias digitais para exercer suas atividades, enquanto viajam entre diferentes cidades, países e continentes.

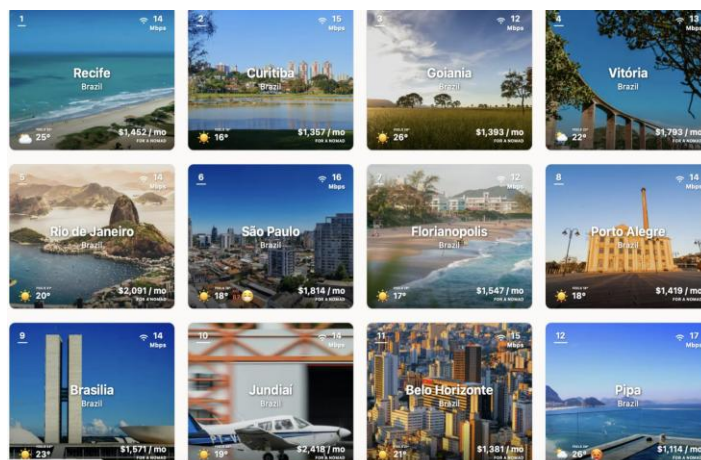
e a conectividade a internet passaram a trabalhar de qualquer lugar do mundo, exercitando uma liberdade geográfica sem precedentes.

Em 2022, aproximadamente 9,4 milhões de pessoas no Brasil estavam em regime de teletrabalho, representando cerca de 10% dos ocupados que não estavam afastados de suas funções no período de referência da pesquisa, realizada no contexto das repercussões da pandemia de Covid-19 no país. Os teletrabalhadores são majoritariamente profissionais especializados, de níveis educacionais elevados, com maior presença nas regiões Sudeste e Sul do país. A PNAD Contínua mostra que o teletrabalho ainda é um privilégio de uma fração específica da população economicamente ativa, o que evidencia a necessidade de políticas públicas que ampliem o acesso à conectividade e às condições adequadas para o trabalho remoto em outras regiões do país. Evidencia o surgimento de novas dinâmicas espaciais e produtivas que impactam diretamente nos usos e apropriações do território.

Os profissionais que adotam o estilo de vida nômade digital passam a buscar cidades com melhor qualidade de vida ou menor custo de moradia, já que não há mais a necessidade de estarem fisicamente presentes em grandes centros urbanos. Desse modo, o teletrabalho contribui para transformações territoriais, como a emergência de novos destinos urbanos e turísticos voltados para os trabalhadores remotos. Através da netnografia na plataforma *Nomads.com* identificamos dados sobre as melhores cidades para os nômades digitais morarem no Brasil. A Figura 01 apresenta um ranking das cidades brasileiras, considerando critérios como custo de vida, velocidade da internet, condições climáticas, segurança, com base nas experiências e avaliações dos usuários da plataforma. Cidades como Recife/PE, Curitiba/PR, Goiânia/GO e Vitória/ES aparecem como opções atrativas, ao lado de destinos turísticos consolidados como Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP, Florianópolis/SC e a Praia da Pipa/RN que se destaca por ser o único distrito turístico litorâneo nordestino, em uma lista de capitais e centros urbanos.

Os nômades digitais atuam intensamente no ciberespaço utilizando plataformas digitais para escolher destinos, organizar deslocamentos, acessar redes de trabalho e compartilhar vivências. Materializam relações sociais e econômicas em diferentes territórios físicos, ao mesmo tempo que produzem territorialidades imateriais, marcadas por experiências, avaliações e a produção de conteúdo digital. Assim, o espaço geográfico é ressignificado por essas interações que atravessam o físico e o virtual, configurando novas formas de habitar, trabalhar e viver.

Figura 01 – *Best Places to Live in Brazil* segundo a plataforma digital *Nomads.com*



Fonte: Nomads (2025).

As repercussões desse fenômeno se estendem por múltiplas esferas, impactando tanto as condições de vida dos trabalhadores, quanto às dinâmicas urbanas que recebem fluxos, mobilidades e conflitos dos usos e apropriações intermediados pelas plataformas digitais. No âmbito trabalhista, observa-se a deterioração da qualidade de vida dos trabalhadores, a intensificação da exploração da mão de obra e a notória dificuldade do poder público em formular legislações que garantam as regulamentações e os direitos aos trabalhadores, dado que a uberização se apresenta como um novo tipo de gestão e controle da força laboral (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021).

Paralelamente, a mobilidade nos grandes centros é diretamente afetada por uma profunda alteração na paisagem e no uso das vias. Estas se tornam saturadas pela crescente frota de veículos de aplicativo e por entregadores que, ao circularem em carros, motocicletas e bicicletas, frequentemente carecem de infraestrutura adequada para se deslocarem com segurança no ambiente citadino.

4. CONCLUSÕES

Ao longo deste artigo, buscou-se discutir as transformações contemporâneas que emergem da digitalização do espaço geográfico e seu impacto nos usos e apropriações do espaço urbano. A Netnografia foi utilizada como ferramenta metodológica fundamental para investigar como o ciberespaço reestrutura o espaço urbano de forma concreta, especialmente

através da conectividade instantânea, das novas relações de trabalho e das mobilidades sobrepostas no meio técnico-científico-informacional

Nossa análise evidencia que a cidade pós-moderna se constitui como um espaço híbrido, onde materialidades e imaterialidades se entrelaçam. Reforçamos, aqui, a necessidade de novas abordagens e estudos acadêmicos que foquem suas análises na reflexão das mudanças e contradições impostas a geografia na era virtual, sobretudo no âmbito citadino, um passo relevante para o avanço das investigações geográficas nos estudos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformação do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 23, n. 57, p. 26-61, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/XDh9FZw9Bcy5GkYGzngPxwB/>. Acesso em: 9 de julho de 2025.

BELANDI, Caio; GIL, Brisa (arte). Em 2022, 1,5 milhão de pessoas trabalharam por meio de aplicativos de serviços no país. **Agência de Notícias IBGE**, 25 out. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38160-em-2022-1-5-milhao-de-pessoas-trabalharam-por-meio-de-aplicativos-de-servicos-no-pais>. Acesso em: 9 de julho de 2025.

BERNARDES, Antonio Henrique. Como pesquisar as redes sociais virtuais em Geografia? Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 22–34, 2020. DOI: 10.5016/estgeo.v19i2.13979. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/13979>.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 9. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca**: novas arquiteturas sociais. São Paulo: Edições Sesc, 2020. 196 p.

FERREIRA, Luciana Aparecida. **Netnografia**: uma abordagem qualitativa na pesquisa geográfica. Estudos Geográficos, v. 20, n. 1, p. 137–152, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/13979/12038>

GÓES, Eda Maria Beltrão Sposito; MELAZZO, Everaldo Savério, orgs. **Metodologia de pesquisa em estudos urbanos**: procedimentos, instrumentos e operacionalização. Rio de Janeiro: Consequência, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua: Teletrabalho e trabalho por meio de plataformas digitais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.



Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/30861-divulgacao/teletrabalho-plataformas-digitais-2022.html>. Acesso em: 01 agosto de 2025.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes e redes. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NASCIMENTO, Giovana Oliveira do. **O podcast como metodologia para o ensino de geografia**: caminhos para o estudo do espaço geográfico contemporâneo, do ciberespaço e da cibercultura. 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Geografia) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

NOMADS.COM. [S. l.]: Nomads.com. Disponível em: <https://www.nomads.com>. Acesso em: 7 ago. 2025.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VALLERIUS, Daniel Mallmann. **Identidades (nem tão) virtuais assim**: um olhar sobre a construção das identidades territoriais no ciberespaço. 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
